

PARA ALÉM DO ROMANTISMO: REVISITANDO *O PÁROCO DE ALDEIA*, DE
ALEXANDRE HERCULANO

*BEYOND ROMANTICISM: REVISITING O PÁROCO DE ALDEIA, BY
ALEXANDRE HERCULANO*

Sérgio Luiz Ferreira de Freitas¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo propor uma nova possibilidade de leitura da obra *O pároco de aldeia* (1844), do escritor português Alexandre Herculano (1810–1877), problematizando a classificação do autor, estritamente inserida nos parâmetros do Romantismo Português. Com isso serão levantadas hipóteses acerca da existência de elementos que explicitam Herculano como um escritor que transcende alguns princípios da escola romântica.

Palavras-chave: Alexandre Herculano; romantismo português; lendas e narrativas.

ABSTRACT: This article aims to propose a new possible reading of *O pároco de aldeia* (1844) by the Portuguese writer, Alexandre Herculano (1810–1877). Our goal is to discuss the classification of the author strictly within the parameters of Portuguese Romanticism. Therewith, we will raise some hypotheses about the existence of elements that explain Herculano as a writer who transcends some principles of the Romantic Period.

Keywords: Alexandre Herculano; Portuguese Romanticism; legends and narratives.

I.

Constatar que os manuais escolares de literatura estão mais do que ultrapassados quando insistem em apresentar a literatura por intermédio de períodos literários ou escolas, não constitui nenhum fato inédito. Sabemos que a classificação categórica de escritores como pertencentes a uma determinada escola literária muito deixa a desejar. Ante inúmeras características de períodos literários e um grande número de escritores, inserir um autor em um desses períodos pode facilitar, em curto

¹ Graduando em Letras Português, Bacharelado em Estudos Literários, UFPR.

prazo, a vida do educador. No entanto, basta um olhar detido e atencioso à obra completa de um escritor para percebemos que nem tudo irá corresponder à classificação que lhe foi conferida. Cada período distingue-se por suas características, traços, enquadramento temporal em que teria vigorado, e, como não poderia faltar, recebe também uma lista com os autores exemplares em cada categoria. Observar, descrever e catalogar vem sendo uma necessidade intelectual humana desde que o mundo passou a ser estudado, e temos que dar o devido crédito à eficiência inicial desse método. Apesar das tentativas de criação de fórmulas para se escrever um bom romance, ou um bom soneto, a Literatura é um produto humano, e assim como tudo o que vem do homem, é vasta, plural e nem sempre será possível enquadrá-la em rótulos. Por mais que sejam úteis, as classificações não podem exercer um papel constritor na interpretação da obra literária.

É partindo dessas considerações que voltaremos nosso olhar para um dos autores considerados exemplares dentro do contexto português oitocentista. Alexandre Herculano (1810-1877) é, sem dúvida, um dos nomes basilares do denominado Romantismo Português. Para tal análise a obra escolhida é a breve narrativa *O pároco de aldeia*. O usual é encararmos todos os livros publicados por um escritor romântico como sendo, de fato, românticos, de modo que suas obras que não se encaixam no padrão “romântico” são relegadas ao esquecimento. Aqui não iremos negar os traços de romantismo que o *O pároco de aldeia* comporta, mas tentaremos refletir sobre o que há nesse texto que transcende o romantismo, quais sinais apontam para características não exclusivas aos românticos e que podem tanto fazer referência a momentos anteriores, quanto podem estar presentes em expressões literárias futuras. Afinal, o engessamento de autores em escolas literárias subestima sua capacidade em serem muito mais do que aquilo que a crítica os rotula. A esse exemplo, quantos de nós, ao lembrarmos de Bernardo Guimarães (1825-1884), fazemos referência ao seu texto erótico *O elixir do pajé* (1875)? Poucos sabem da existência do

poema, estando limitados apenas aos romances *O seminarista* (1872) e *A escrava Isaura* (1875), tidos como alguns dos mais exemplares textos do romantismo brasileiro. Podemos nos referir também ao próprio autor cuja obra estamos analisando. Alexandre Herculano ainda hoje é conhecido basicamente como o escritor de *Eurico, o Presbítero* (1844). Quando, em grandes manuais de literatura, sua obra é comentada, pouco espaço é oferecido a narrativas como *O pároco de aldeia* a qual, nos momentos em que é mencionada nesse tipo de material, raras vezes possui mais de um parágrafo dedicado a sua análise.

II.

Inicialmente publicados de forma dispersa entre os anos de 1839 e 1844 nas revistas *O Panorama* e *A ilustração*, os textos que compõem a obra atualmente conhecida como *Lendas e Narrativas* foram reunidos em volume apenas em 1851. A proposta de formação desse projeto literário de Herculano está intimamente ligada a traços identificados como pertencentes ao ideal romântico. Em sua maioria, as histórias remontam ao passado medieval, período no qual o autor considerava estarem as origens da nacionalidade portuguesa. A narrativa sobre a qual iremos nos debruçar, porém, não pertence à corrente medievalista de *Lendas e Narrativas*. Apesar de pertencente ao volume, a história de *O pároco de aldeia* se passa no ano de 1825, logo, uma história contemporânea (Herculano o publicou em 1844, na revista *O Panorama*).

O fio condutor de *O pároco de aldeia* é consideravelmente simples: há um narrador que se propõe, em tom de rememoração, a relatar acontecimentos transcorridos na aldeia interiorana em que vivia quando criança. Esses acontecimentos se dão em torno da figura do pároco, representante da autoridade religiosa no vilarejo. Além dessa perspectiva, a narrativa também se constrói de modo a criar um ambiente para uma história de amor entre a menina pobre, de nome

Bernardina, e o menino rico, Manuel da Ventosa. Mas tudo não passa de artifícios de um narrador irônico que busca atingir outros propósitos, que não o de contar uma simples história.

Desde o início da breve narrativa o narrador deixa suas intenções claras, fazendo uso do prólogo como um discurso em que a filosofia contemporânea é comparada, negativamente, a um vento devastador: “Como a filosofia é triste e árida! Às vezes, na primavera, o vento norte atira-se pelas encostas, tombando dos visos da serra, como se uma inteligência vivesse nele, inteligência de maldade e de destruição” (HERCULANO, 1975, p. 105).

Sem meias palavras, compreendemos que o narrador se posiciona contra um movimento que, apesar de ter surgido no século I antes de Cristo, vinha ganhando cada vez mais projeção na Europa a partir do século XVII, sob influência de René Descartes: o racionalismo. Em inúmeras passagens do texto percebemos como o narrador encara o excesso de racionalismo e a busca incessante pelo conhecimento como os culpados pelo distanciamento entre o homem e a natureza e, conseqüentemente, entre o homem e o deus cristão. Essa postura se faz entender em trechos como:

A árvore da ciência transplantada do Éden, trouxe consigo a dor, a condenação e a morte; mas a sua pior peçonha guardou-se para o presente: foi o ceticismo. Feliz a inteligência vulgar e rude, que segue os caminhos da vida com os olhos fitos na luz e na esperança postas pela religião, sem que um momento vacile (...). (HERCULANO, 1975, p. 107).

Para o narrador, a razão é responsável pelo desencantamento da natureza e desfaz toda a pureza e beleza da visão de mundo proporcionada pela religião. Assim, a felicidade reside no sujeito que em nenhum momento questiona sua fé em Deus e vive em harmonia com a natureza, com os rituais religiosos. Por isso, não corre o risco de cair nas garras de um racionalismo “triste” e “cético”. É importante frisar que o período e o local nos quais os acontecimentos de *O pároco de aldeia* se passam não

estão propriamente ameaçados pela invasão de um racionalismo exacerbado. A ação se dá numa aldeia interiorana e, como bem referido por Hobsbawn em *A era das revoluções*, no capítulo intitulado “A ideologia religiosa”:

O campesinato permanecia totalmente fora do alcance de qualquer linguagem ideológica que não se expressasse em termos da Virgem, dos Santos e da Sagrada Escritura, para não mencionarmos os deuses e os espíritos mais antigos que ainda se escondiam debaixo de uma fachada levemente cristã. (HOBSBAWN, 2012, p. 347).

Talvez seja exatamente por isso que Alexandre Herculano insere *O pároco de aldeia* no projeto de *Lendas e Narrativas*. Enquanto parte da proposta nacionalista do romantismo, essa história se detém sobre as características que, para o autor, definem o verdadeiro “ser português”, conferindo ao romance o que passou a se chamar de *cor local*, ou seja, aquilo que representa as características de uma nação. Tais traços seriam representados, nesse contexto, pelo retorno ao modo de vida rural, das antigas aldeias medievais do interior de Portugal, com um número reduzido de habitantes, festejos religiosos e um sentimento de comunidade que tornam os moradores do vilarejo socialmente mais próximos do que estariam se vivessem em um centro urbano.

Sendo essa narrativa uma lembrança buscada pelo narrador em tom de uma profunda melancolia causada pelo afastamento da terra natal, recorrendo à época da infância como o período em que a felicidade se fazia presente no cotidiano das pessoas de vida simples, encaramos o sentimento do narrador como uma explicitação da descrença na ideologia do progresso, vivida no contexto de produção da obra. Esse artifício de retorno a uma infância feliz será retomado em outra expressão literária, na primeira metade do século XX, mostrando-nos que o descontentamento com o presente e a retomada do passado não é restrito a Herculano, muito menos ao romantismo: um dos escritores mais representativos do modernismo português,

Fernando Pessoa, fará uso desse passado nostálgico em vários versos atribuídos ao heterônimo Álvaro de Campos².

Em seu momento presente, o narrador de *O pároco de aldeia* assume ter sido tocado pela ideia de progresso, pela razão e pela ciência. Em determinada passagem diz: “Dai-me uma nota só dos cânticos, que eu então escutava; dar-vos-ei em troca toda a minha estúpida e inútil ciência” (HERCULANO, 1975, p.98). Ou seja, o narrador vivera imerso nos ideais racionalistas e, após estar embebido nesses ideais, passou a desconfiar dos mesmos. A partir de então busca, na defesa da superioridade do catolicismo não institucional, aquele exercido nos pequenos vilarejos, longe do controle papal, parte de sua redenção. Em mais de um momento o narrador deixará a história do pároco e do casal formado por Bernardina e Manuel da Ventosa em suspenso, apelando para longos discursos, fazendo com que nos perguntemos sobre o que, de fato, se trata o romance.

Essa postura demonstra o caráter paradoxal desse narrador que, apesar de fazer apologia à simplicidade aldeã, o faz do alto de sua racionalidade, pautando seu discurso em uma estrutura lógica e linguisticamente erudita.

A voz do “intelectual arrependido” será constantemente retomada ao longo do romance, assumindo, por vezes, ares sentimentalistas, como no seguinte trecho:

Mas essa época da vida não voltará mais, porque não pode retroceder uma única onda do rio impetuoso do tempo! Depois da taça do mel esgotada, resta a do absinto. (...) Chegará a hora de renascer para a poesia e para a certeza: será a da morte (...). A memória é o instante de repouso, e a saudade o clarão enorme que nos ilumina. Recordar-se — consolar-se. (HERCULANO, 1975, p. 116–117).

É comum, em todos os períodos da história da humanidade, uma determinada geração demonstrar descontentamento com aquela exatamente anterior a ela,

² Como exemplo da utilização desse retorno nostálgico em Álvaro de Campos, seguem os seguintes versos, retirados de um poema sem título, datado de 13/12/1914: “A minha velha tia na sua antiga casa, no campo/ Onde eu era feliz e tranquilo e a criança que eu era.../ Penso nisso e uma saudade toda raiva repassa-me.” (PESSOA, 2012, p.97).

norteando suas ações de modo a superar seus ancestrais imediatos, e com isso *O pároco de aldeia*, apesar de uma trama datada, reflete um espírito atemporal, não exclusivo ao Romantismo. O narrador cria em nós uma espécie de ilusão, fazendo-nos crer que seu desejo é reimplantar em sua vida os parâmetros de um passado interiorano recente. Mas a passagem “Recordar-se — consolar-se” reflete sua real condição: não é possível restaurar o passado, apenas recordá-lo; não se abandona o luto pelo que se foi, mas deve-se superar o presente, sem que, para isso, tenha-se que derrubá-lo.

III.

Nessa tentativa de estabelecer a recusa e o descontentamento com o mundo contemporâneo burguês, o narrador evoca outros componentes, além do racionalismo. O liberalismo e o protestantismo erguem-se como inimigos da sociedade, do pobre, do desprovido de bens materiais em favor de uma minoria economicamente superior. No capítulo cinco é proferida a máxima: “O protestantismo foi só feito para os ditosos e abastados da terra!” (HERCULANO, 1975, p.200). Nessa defesa do narrador o que também se faz presente é a tentativa de se apontar para países como França e Inglaterra como nações em franca decadência cultural, pois foi justamente nessas duas nações que o liberalismo, o protestantismo (no caso da Inglaterra, principalmente) e o culto ao progresso se fizeram mais presentes.

A ironia também é um traço importante na formação do narrador de *O pároco de aldeia*. Após o reconhecimento da impossibilidade do retorno ao passado, o que Herculano parece propor é uma reflexão sobre o presente, chamando a humanidade à responsabilidade pelos seus desejos de avanço. Ainda sobre a ironia nos textos de Herculano, a estudiosa Ann-Marie Mathiasen, da Universidade de Oslo, tece o seguinte comentário:

A literatura ali, depois das guerras e revoluções liberais nas décadas de vinte e trinta, tem, sobretudo uma função educativa. Neste contexto a ironia, no seu discurso modalizante, pelo dizer o contrário do que é intencionado, serve para provocar o leitor, para obrigá-lo a refletir e ler mais além do que vem escrito. Na obra de Herculano a ironia apresenta-se tanto verbal quanto situacional/dramática, aparece isolada na frase e disseminada no texto inteiro, revela-se aberta ou escondida, benévola ou sarcástica. (MATHIASSEN, 2002, p. 1024).

Talvez, devido a leituras ligeiras, sem um olhar detido acerca do discurso irônico do narrador desse breve romance, é que teremos por conhecida a classificação de Alexandre Herculano como um dos melhores exemplos de autores do Romantismo Português. Mas, tendo como claras as dificuldades e a grandiosidade de ideias que o termo pode inferir, esta classificação torna-se passível de sofrer alguns deslocamentos. De todos os períodos artísticos que se tem notícia, talvez esse seja um dos mais heterogênicos e complexos. Dois artistas reconhecidamente pertencentes ao Romantismo podem possuir características diferentes, até mesmo antagônicas, e ainda assim, permanecerem sendo reconhecidos como pertencentes ao mesmo movimento. Por conta dessa face multifacetada, os artistas desse grupo deveriam ser os menos rigorosamente enquadrados em rótulos artísticos. Vejamos, por exemplo, o que Fidelino de Figueiredo nos diz a respeito da comparação entre Alexandre Herculano e Almeida Garret, dois autores do Romantismo Português: “Ao aspecto ligeiro e emotivo do nosso romantismo e ao seu matiz inglês, representados por Garret, opõe-se a gravidade solene de Herculano, o reformador do romance e da historiografia, e representante do matiz germânico” (FIGUEIREDO, 1966, p. 334).

Outro crítico tradicionalmente lembrado quando pensamos na historiografia literária portuguesa, Massaud Moisés, será ainda mais enfático. O crítico fará a mesma comparação, porém, enquanto Figueiredo classifica Garret como influenciado por um matiz inglês, Moisés identificará outra filiação: “Alexandre Herculano é diametralmente oposto a Garret em todos os aspectos: personificação da sobriedade,

do equilíbrio, do rigor crítico; espírito germânico, dir-se-ia, enquanto o outro é latino, sobretudo francês” (MOISÉS, 1970, p. 155).

Os dois críticos citados, responsáveis pela produção de parte dos manuais literários que consolidaram diversos escritores portugueses dentro das correntes artísticas, foram incapazes de concordar quanto a principal influência recebida por Garret; o que os dá tanta certeza quanto ao romantismo de Alexandre Herculano? Não negaremos o pertencimento deste autor à escola que sempre lhe foi destinada, mas enxergar-lhe apenas como circunscrito a ela é reduzir as possibilidades interpretativas de uma obra vasta e rica como a de Herculano.

De fato a proposta do autor e a postura do narrador de *O pároco de aldeia* possuem características de correntes românticas, como a retomada da relação entre o homem e a natureza, entre o sujeito e suas raízes históricas, sua origem rural, e principalmente — no caso dessa narrativa — a reconciliação entre o sujeito fruto de uma sociedade cada vez mais racional com o deus do cristianismo aldeão, não institucional. Mas o afastamento temporal nos permite, vez por outra, revisitarmos obras já criticamente consolidadas e observá-las sob um novo aspecto. Nesse sentido, as proposições de Antoine de Compagnon, levantadas em *Os antimodernos*, podem nos auxiliar em uma releitura da obra de Herculano, percebendo em *O pároco de aldeia* certas nuances de uma já modernidade, ou melhor, de uma antimodernidade.

Compagnon, em sua definição ao termo *antimoderno* faz as seguintes considerações:

Como Maritain e Du Bos o concebiam, o epíteto *antimoderno* qualificava uma reação, uma resistência ao modernismo, ao mundo moderno, ao culto do progresso, ao bergsonismo tanto quanto ao positivismo. Designava uma dúvida, uma ambivalência, uma nostalgia, mais do que uma rejeição pura e simples. Tal disposição, em si, não parece moderna, e provavelmente corresponde a um universal. Tendo existido sempre e em toda parte, pode ser associada à conhecida dupla da tradição e da inovação, da permanência e da mudança (...). (COMPAGNON, 2011, p. 13).

Mais adiante em sua análise, o crítico designará algumas características do indivíduo antimoderno que certamente auxiliam em nossa empreitada:

Para descrever a tradição antimoderna, uma figura *histórica* ou *política* é inicialmente indispensável: a contrarrevolução, claro. Em segundo lugar, é preciso uma figura *filosófica*: pensa-se naturalmente no anti-iluminismo, na hostilidade contra os filósofos do século XVIII. (COMPAGNON, 2011, p. 22).

Devemos ter em vista que, assim como os excertos de Compagnon nos fazem refletir, a ambivalência, a contradição entre viver a ideologia do progresso e, ao mesmo tempo, resistir a ela, encontrada no Romantismo, não lhe pertence em absoluto. Isso porque a ambivalência é característica nata do gênero romance, no qual *O pároco de aldeia* é desenvolvido. O Romantismo apenas se desdobra nessa plataforma, mas não a detém. A esse respeito, refletindo sobre a explanação de Lukács em *A teoria do romance* (1916), Antunes diz que esse gênero

(...) representa a máxima expressão artística de uma época, quando mostra as contradições da sociedade sem tentar soluções conciliatórias arbitrarias, quando penetra na essência das relações burguesas e revela o seu caráter histórico (...). (ANTUNES, 1998, p. 196).

Ora, qual é a postura do narrador de *O pároco de aldeia* se não a do homem que viveu embebido no culto ao progresso, ao raciocínio, à ciência e, após se exaurir nesse mundo, passa a olhar com desconfiança para o mesmo, talvez por não ter atingido a perfeição lógica oferecida pelas correntes filosóficas. Conscientemente ou não, Alexandre Herculano demonstrou-se um homem que, apesar de olhar para o passado, pertence ao seu tempo e possui uma sensibilidade que vai além do romantismo preconcebido como o movimento responsável por um grande número de histórias de caráter passional, quando, na realidade, na narrativa sobre a qual estamos nos debruçando, o amor romântico não está em primeiro plano. Podemos, então, ousar dizer que o narrador de *O pároco de aldeia* é um antimoderno. Por mais enfática e

exacerbada que seja a defesa do mundo interiorano, longe do progresso desenfreado e mais perto de Deus, a estrutura argumentativa nos faz ter a certeza de que o narrador sabe que não há possibilidade de retorno; uma vez mergulhado no mundo moderno, não há espaço para a anulação de seus efeitos, e nesse reconhecimento reside seu olhar nostálgico à infância.

IV.

Na proposta de estabelecer um novo olhar para a obra de Alexandre Herculano utilizamos o exemplo da breve narrativa de *O pároco de aldeia*, que dentro do contexto da obra *Lendas e Narrativas*, ocupa um lugar singular que a destaca das histórias medievais que dominam o volume.

Além da reflexão quanto à periodização, o que se quis apresentar foi a possibilidade de um novo olhar para um autor que há anos encontra-se “engessado” por determinadas leituras, principalmente no que se refere à categorização de romancista histórico ou de valorização de elementos da cultura popular. Se bem pensarmos, o próprio Romantismo necessita de novas leituras para que possamos reavaliá-lo enquanto uma estética artística. Chegamos a comentar, anteriormente, sobre a complexidade do período romântico, o que lhe confere muitas faces, tal como as presentes em Herculano, mas tal empreitada geraria um número maior de páginas e fugiria de nosso propósito.

A obra de Alexandre Herculano tornou-se clássica também por ser vasta e plural, e como tal deve ser encarada. O momento é de sempre “tirar o pó” de alguns autores que, por já possuírem uma considerável obra crítica, são postos nas estantes das bibliotecas como se tudo o que pudesse ser dito, já o foi. Seguindo a afirmativa de Ítalo Calvino³, *Lendas e Narrativas* é um livro que, assim como todo clássico, não

³ No prólogo de seu livro *Por que ler os clássicos*, Calvino levanta inúmeras possibilidades de se conceituar o que seria um clássico literário. Ele elenca um total de 14 significados para o conceito, e o

terminou de dizer aquilo que tinha para dizer. A insatisfação com o presente em que vive não é única do narrador de *O pároco de aldeia*. Está na comédia grega de Aristófanes, assim como nos livros de nossa geração. Sendo assim, esse artigo busca chamar atenção não apenas para o caso de Alexandre Herculano, e sim para toda e qualquer obra da literatura clássica que esteja à espera de uma revisitação e de um olhar que a liberte de uma classificação categórica.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, L. Z. Teoria da Narrativa: o romance como epopeia burguesa. In: *Estudos de literatura e linguística*. São Paulo: Arte e Ciência; Assis: FCL/Unesp, 1998.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

COMPAGNOM, Antoine. *Os antimodernos: de Joseph de Maistre a Roland Barthes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FIGUEIREDO, Fidelino de. *História Literária de Portugal*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

HERCULANO, Alexandre. O pároco da aldeia. In: *Lendas e narrativas*. Tomo II. Lisboa: Livraria Bertrand, 1975.

HOBBSAWN, Eric J. *A era das revoluções*. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

MATHIESSEN, Ann-Marie. A ironia romântica na obra novelística de Alexandre Herculano. *XV Skandinaviske romanistkongress*. N. 16. 2ºsem. 2002. P.1023-1028. Disponível em <<https://www.duo.uio.no/bitstream/handle/10852/25197/16-02.pdf?sequence=1>>. Acesso em 09/05/2013.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1970.

PESSOA, Fernando. *Poesia Completa de Álvaro de Campos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

que aqui se faz referência é o de número 6: “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.” (CALVINO, 2011, p.11).